

ISSN: 2764-5622

Vol. 1 | Nº. 1 | Ano 2021

Patrícia Neumann

*Universidade Estadual
do Centro Oeste*
souhumanista@gmail.com

Poliana Vogel

*Universidade Católica
do Rio Grande do Sul*
polianavogel@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo deste texto é discutir possíveis efeitos da empatia em mulheres adultas com altas habilidades/superdotação. O método foi um recorte de uma pesquisa longitudinal sobre inteligência emocional em pessoas adultas superdotadas. Participaram cinco mulheres e o estudo foi exploratório, descritivo e de campo, de caráter quanti-qualitativo. Os resultados apontam que a empatia se mostra em elevado nível nas participantes, que o desenvolvimento da empatia independe de idade cronológica e há diferenças e similaridades qualitativas perante situações do cotidiano. Além disso, a experiência de exclusão social pode trazer prejuízos na vida de mulheres superdotadas como as barreiras psicológicas. O desenvolvimento de todas as competências da inteligência emocional é fundamental para a empatia e as capacidades estão em contínuo desenvolvimento. Considera-se que é a empatia é positiva no desenvolvimento humano, pois favorece as relações, as conexões afetivas e a aprendizagem.

Palavras-chave: altas habilidades/superdotação; empatia; diversidade; educação.

THE EMPATHY IN GIFTED WOMEN'S LIFE

ABSTRACT

The objective of this paper is to discuss possible effects of empathy in adult high abilities/giftedness women. The method was a clipping from a longitudinal research on emotional intelligence in adult gifted people. Five women participated and the study was exploratory, descriptive and in field, of a quantitative and qualitative nature. The results point out empathy is high level in the participants, the development of empathy is independent of chronological age and there are qualitative differences and similarities when faced with everyday situations. Furthermore, the experience of social exclusion can damage gifted women such as psychological barriers. The development of all skills of emotional intelligence is fundamental to empathy and the abilities are in continuous development. We consider empathy is positive in human development because it helps relations, affective connections and learning.

Keywords: high abilities/super ability; empathy; diversity; education.

Correspondência/Contato

revistaneurodiversidade@gmail.com
<https://www.revistaneurodiversidade.com/>

Editores responsáveis

Daniele Pendeza

Lucas Pontes

1 INTRODUÇÃO

A maior parte do conhecimento produzido sobre altas habilidades ou superdotação (AH/SD), no momento, se volta a explicar e descrever as condições que produzem o alto nível de realização destas pessoas. Acredita-se que o aspecto mais importante de ser uma pessoa superdotada é a sua habilidade em transformar os ditos dons em produtos reconhecidos socialmente. A maior parte de modelos e teorias acabam por se voltar para a maximização da superdotação. Eles não descrevem como a pessoa superdotada funciona, como ela sente, pensa e vive o mundo. Neste contexto, uma nova definição foi proposta. Uma que considera a vulnerabilidade da pessoa superdotada, foca em suas dificuldades dentro da sociedade que vive, provê conhecimento sobre si mesma e enfatiza o papel fundamental de pais, professoras(es) e sociedade em seu desenvolvimento (Silverman, 1997).

Assim, superdotação é desenvolvimento assincrônico. Esta definição foca no desenvolvimento da pessoa em si em que o produto, a performance e a realização dependem justamente deste desenvolvimento e da forma como é direcionado. O desenvolvimento assincrônico é aquele em que “as habilidades cognitivas avançadas e a elevada intensidade se combinam para criar uma experiência interior e uma consciência qualitativamente diferentes do padrão. Esta assincronia aumenta devido à capacidade intelectual mais elevada” (Silverman, 1997, p.39). Esta definição foi fundada pelo *Columbus Group*, em 1991, e tem sua base no trabalho de Leta Stetter Hollingworth, Kazimierz Dabrowski, Lev Vygotsky e Jean-Charles Terrassier. Assincronia significa, justamente, estar fora de sincronia tanto interna quanto externamente. Internamente, se refere à discrepância entre a área intelectual, emocional e/ou psicomotora. Externamente, é a discrepância social com pares da mesma idade cronológica. A assincronia, que é a própria AH/SD, torna a pessoa diferente. Esta singularidade a coloca numa vulnerabilidade peculiar, com necessidades especiais e que requer modificações na educação parental, educacional e no atendimento terapêutico (Silverman, 1997; 2013). Neste contexto é que inserimos o estudo e a discussão sobre a empatia.

A partir da nossa compreensão do que coloca Goleman (2012b), empatia é a capacidade de pensar e sentir uma situação com o máximo de aproximação possível da perspectiva do outro e, então, atuar para auxiliá-lo com base no quem traz o outro. Essa capacidade possui potencial para ser ampliada e melhor gerenciada, sendo um elemento de grande importância nos relacionamentos humanos. Em contrapartida, empatia não é, supostamente, se por no lugar do outro levando em conta as próprias perspectivas racionais sobre a situação ou as próprias emoções projetadas na mesma. Isto se trata de julgamento e exclui a conexão emocional. O julgamento faz aumentar a dor oriunda da sensação e percepção da exclusão. A empatia, portanto, aproxima e, se estiver se desenvolvendo com

as outras competências da inteligência emocional – autoconsciência, automotivação, gestão de emoções e relacionamentos – melhora as relações e traz bem estar aos envolvidos. Empatia é estar realmente com o outro, nas palavras de Dabrowski (1973), é uma resposta baseada em reflexão, no carinho para com o outro e na genuína compreensão das circunstâncias da situação.

Neste mesmo sentido, Goleman (2012a) postula três tipos de empatia. A empatia cognitiva, em que se sabe como o outro vê as coisas e consegue-se compreender sua perspectiva. A emocional, em que se sente com o outro. Note-se que não é sentir *como* o outro, mas *com* o outro. E, por fim, a empatia como preocupação empática, em que se percebe que o outro precisa de algo e há uma atitude de auxílio sem a invasão do espaço físico e psíquico. Ainda segundo Manes (2015), pode-se compreender empatia como a capacidade de se ocupar com a dor e o bem estar de outra pessoa, expressando emoções que coincidam com aquelas que ela experimenta. A empatia também envolve processos reflexivos que permitem tentar imaginar como o outro se sente, pensa e se comporta, partindo do ponto de vista dele e não do próprio. Para Goleman (2012b), olhar o outro pela empatia torna as pessoas capazes de refletir e sentir sobre como as situações, desafiadoras ou não, podem estar sendo vivenciadas pelo outro. Melhorar a capacidade de compreensão sobre o outro faz com que se melhore a autocompreensão e vice-versa. O cerne da empatia, ao que nos parece, nestes autores, está na compreensão, o que a coloca no extremo oposto do julgamento.

Sendo assim, afirmamos que a empatia gera consequências na vida de pessoas com AH/SD. O problema que orienta este estudo é quais os possíveis efeitos da empatia em mulheres superdotadas. Nosso objetivo é, então, discutir tais efeitos como as barreiras internas e externas ao desenvolvimento. Para isso, trazemos dados de um recorte de pesquisa com este público em que foi avaliada a inteligência emocional. O texto se segue em três momentos: o percurso metodológico, os resultados e, por fim, a discussão.

2 METODOLOGIA

Este estudo é um recorte de uma pesquisa longitudinal sobre IE em pessoas adultas com AH/SD realizada entre 2015 e 2019. O recorte contempla a competência empatia no ano de 2019 e cinco mulheres brancas cisgênero com AH/SD identificadas na vida adulta por avaliação psicoeducacional. As participantes são Morgana (27 anos), Sophia (35 anos), Victoria (36 anos), Luiza (39 anos) e Clara (45 anos). Suas idades são do ano de 2019 e todas são residentes de uma mesma cidade no estado do Paraná/Brasil. O instrumento utilizado para a pesquisa foi o

Questionário de Indicadores de Competências da Inteligência Emocional em Adultos (Neumann & Vestena, 2016). Ele foi respondido pelas participantes de modo *online*. O questionário foi enviado por e-mail às participantes e elas o retornaram pelo mesmo meio. Esta pesquisa é exploratória, descritiva e de campo e seu caráter é quanti-qualitativo. Quanto aos resultados, o tratamento dos dados é quantitativo e a discussão dos mesmos é qualitativa. Sobre o âmbito ético, as participantes assinaram termo que autoriza a presente publicação e seus nomes são fictícios.

3 RESULTADOS

O Gráfico 1, abaixo, mostra os resultados da competência empatia da IE, das participantes. Os resultados estão dispostos pela ordem crescente de idade cronológica.

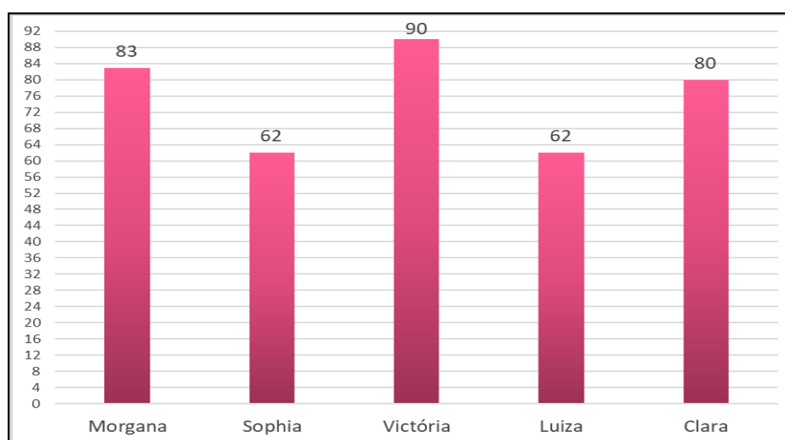


Gráfico 1. Empatia em Mulheres com AH/SD (Neumann & Vogel, 2021)

Observamos que, no questionário, Morgana pontuou 83, Sophia 62, Victória 90, Luiza 62 e Clara 80. No instrumento, a pontuação limite é 92 e os indicadores qualitativos são muito baixo (intervalo 0-18), baixo (19-37), médio (38-55), alto (56-74) e muito alto (75-92). A partir disso, a pontuação de Victória, Clara e Morgana é compatível com o desenvolvimento muito alto da empatia e a pontuação de Sophia e Luiza é compatível com desenvolvimento alto.

Também vemos que a pontuação é diferente em Morgana, Victoria e Clara, mas é igual em Luiza e Sophia. Cabe ressaltar que, embora o número seja o mesmo, 62 para ambas, houve respostas que foram iguais, mas também diferentes no instrumento que é composto por 23 afirmações. Por

exemplo, no item “nas relações com os outros, ao longo da vida, fica-me a sensação de que sou capaz de lidar com conflitos com bom senso”, Luiza marcou a opção “frequentemente” e Sophia marcou “às vezes”. Já em “uma situação de conflito no dia a dia, dou-me conta que tendo a receber a instabilidade do outro e desencadeio uma atitude também instável”, Luiza e Sophia marcaram a opção “raramente”. Isto indica que há diferenças e similaridades qualitativas perante situações do quotidiano no que tange a empatia.

Outro resultado que se observa é a relação da empatia com a idade. Morgana é a mais jovem, 27 anos, e Clara a mais velha, 45 anos. Ambas tiveram uma pontuação próxima, 83 e 80, respectivamente. Sua diferença de idade está em dezoito anos. Temos Victoria, de 36 anos, e Sophia, 35 anos. A diferença de idade é apenas um ano e Victoria pontua 90, enquanto Sophia, 62. Chama a atenção que Victoria, aos 36 anos, chega a praticamente na pontuação máxima do instrumento (90 de 92), destacando-se das demais participantes mais jovens e velhas que ela. Tais resultados nos fornecem base para a discussão que se segue.

4 DISCUSSÃO

“Minha vida, na escola, foi sendo eu tentando me encaixar. Eu queria ser como as outras meninas”.
(Hellen, 20 anos, superdotada, negra, ativista racial e feminista)

Iniciamos nossa discussão pela fala de Hellen, que foi proferida em um encontro *online* aberto ao público, em 9 de junho de 2021, promovido pela Universidade Federal do Acre (UFAC)¹. Trata-se de uma das situações pelas quais mulheres superdotadas estão suscetíveis a passar desde a infância que é a imposição social para se colocar num modelo de vida estabelecido por outrem. Tal imposição é colocada de modo implícito e explícito, ambos igualmente violentos. É violento porque ignora e nega quem a pessoa é e quem ela deseja ser. A individualidade é aniquilada em prol de rígidos padrões de conduta. O que mulheres com AH/SD vivem desde criança é, portanto, a dolorosa experiência de exclusão social. Exclusão porque são meninas e porque são diferentes. Quando se somam raça, classe social, identidade de gênero, sexualidade etc, a exclusão tende a crescer. Crianças negras, por exemplo, podem se sentir muito isoladas, sem amigadas que as compreendam e as amem.

Meninas negras superdotadas são frequentemente excluídas por sua múltipla identidade como mulher, negra, superdotada e outras possíveis mais intersecções. Salientamos que um dos indicativos da exclusão é a busca por ser como as outras na tentativa de pertencer a um grupo.

A necessidade de pertencimento é parte da espécie humana. É uma necessidade vital, como ar, comida e água. Pertencimento equivale a amor, à validação como um ser que existe no mundo. Sem pertencimento, o senso de existência sofre profundos abalos e gera, como efeitos, diversas consequências ao desenvolvimento e à saúde. Em relações inclusivas, o pertencimento flui sem barreiras, ele se fortalece a cada troca afetiva genuína onde estão presentes a aceitação de quem a pessoa é integralmente e o intuito de manter a conexão. Em relações de exclusão, ocorre o oposto e a busca por pertencer vem carregada de sofrimento.

Aspectos dessa necessidade social humana e as consequências de nos sentirmos privada (os) desse contato tem sido objeto, por exemplo, de estudos neurocientíficos. Um destes estudos observou que sempre que vivenciamos uma situação de exclusão ou detectamos uma ameaça de exclusão no ambiente, áreas do cérebro como o córtex cingulado (região do cérebro que regula nossas funções autônomas e cognitivas, inclusive, as emoções), se mostram bastante ativas. Essas áreas estão relacionadas à dor, seja ela física ou emocional. Portanto, é possível observar, através de exames, que a exclusão dói (Eisenberg, 2003). Mesmo este estudo não tendo como população alvo mulheres superdotadas, é possível considerá-lo, visto que trata de um recorte da população geral. Já neste estudo, temos como um dos resultados o nível alto e muito alto da empatia nas mulheres com AH/SD.

A empatia tem relação direta com experiências de inclusão e exclusão, pois ela envolve o pensar, o sentir e o agir. Este elevado nível de empatia pode gerar consequências na vida e desenvolvimento destas mulheres, uma vez que sentem intensamente a necessidade de pertencimento e de conexão com os pares em uma sociedade ainda se organiza menos pela inclusão e mais pela exclusão. Destacamos como possíveis consequências o desenvolvimento de barreiras, como as estudadas por Winterbrook (2017). Em sua pesquisa, Winterbrook observou a existência de barreiras que podem prejudicar o desenvolvimento de mulheres com AH/SD. Há barreiras internas, que são barreiras psicológicas, e barreiras externas, que são as pressões externas vindas de pais, professoras (es), amigos, cônjuges e/ou filhos. As barreiras internas e externas se relacionam e, comumente, ocorrem juntas.

¹ Esta fala está disponível no canal UFacTV, no youtube com o título Altas Habilidades – Roda de Conversas Inclusivas. <https://www.youtube.com/watch?v=WtRgw32-Xvc&t=70s>

Como barreira interna, destacamos o medo do sucesso. Nessa condição, a percepção é a de que o sucesso é perigoso, pois o seu destaque pode causar desconforto em outras pessoas e, ocasionando, a perda de vínculos afetivos. Com alto nível de empatia, essas mulheres podem ser bastante sensíveis a essas situações percebidas como perdas, sentem medo da rejeição caso sejam melhor sucedidas e sejam vistas como mais inteligentes que seus pares. Além disso, elas podem se sentir mais sensíveis e desconfortáveis em situações de competição (Winterbrook, 2017). Em correlação a isto, segundo Silverman e Miller (2009), o foco no sucesso acadêmico favorece as meninas nos primeiros anos escolares, uma vez que elas tendem a se conformar com as expectativas sociais. Mas isto gradualmente muda no ensino fundamental e médio, quando as meninas tentam estabelecer sua feminilidade. As meninas são como camaleões. Elas aprendem cedo a ocultar quem são e a se assemelhar às demais meninas em busca de aceitação social. Por volta de 8 a 9 anos, elas aprendem que é melhor não mostrar seu potencial, pois ao se diferenciar, sofre perdas nas relações. Este dado de pesquisa vem ao encontro da fala de Hellen, em sua busca por tentar se encaixar.

Em conjunto com o medo do sucesso, temos a barreira externa do conflito carreira e família. Essa barreira se caracteriza pelo fato de a mulher deixar a si mesma de lado para cuidar da família, para atender expectativas dos pais, filhos e/ou cônjuge. Ela está embasada na crença de que se *'eu cuidar de mim, não serei amada, só recebo amor se eu cuidar do outro'*. Esta mulher costuma estar demasiadamente focada nas necessidades dos outros e carrega crenças que a levam a acreditar de que é dessa forma que ela tem seu lugar com as pessoas que ama. Essa barreira é reforçada pelos pais e/ou pelo companheiro (a) (Winterbrook, 2017). Considerando a alta empatia que essa mulher pode apresentar, ela pode sentir com maior intensidade o desconforto gerado no outro, caso deseje colocar parte de sua energia em sua própria carreira. Ela pode achar que está a abandonar o outro se focar em seus próprios desejos e projetos.

Outro resultado que se mostrou nesta amostra foi que os níveis de empatia independem de idade cronológica. Quer dizer que é falsa a crença de que quanto mais envelhecemos, mais equilíbrio emocional adquirimos, naturalmente, como se não demandasse esforço para se desenvolver. Também observamos que apesar da pontuação ser alta, a forma como essa competência se apresenta em cada uma é divergente. Isto aponta para que essa competência se desenvolve de modo variável ao longo da vida e que cada pessoa é singular, mesmo tendo a mesma condição de ter AH/SD. Isto significa, em outras palavras, e em acordo com o que defende Dabrowski (1973), que a empatia, aqui tratada por Goleman como parte da inteligência emocional, é variável e depende do nível de desenvolvimento de cada um. Para Dabrowski, a empatia é característica do nível no qual ocorre a desintegração multinível, pois é nela que o indivíduo tem a capacidade de compreender o que se é e o que se

deveria se tornar. Neste nível, ocorre a diferenciação de si vinda do potencial da personalidade para o crescimento. É quando emerge a possibilidade da compreensão das nossas relações com os outros e do lugar destas demais pessoas na própria vida. O nível de desintegração multinível pode ocorrer em qualquer idade ou, em certos casos, nem chegar a ocorrer.

Afirmamos, portanto, que a empatia pode ser desenvolvida. Para isso, se faz necessário que as demais competências da inteligência emocional sejam incluídas, a autoconsciência (compreensão sobre si, suas emoções e pensamentos), a gestão emocional (capacidade de organizar seus processos emocionais), a automotivação (senso de direcionamento e motivação para alcançar seus objetivos) e a gestão de relacionamentos (a partir da empatia, como se posicionar de forma assertiva para construir e fortalecer relacionamentos, considerando as necessidades do outro e as próprias). Um nível alto de empatia e baixo de autoconsciência pode levar a dificuldades de compressão sobre o que se está sentindo. Por sua vez, sentir a demanda emocional sem recursos de gerenciamento das emoções pode levar ao sofrimento e à exaustão. Caso a automotivação para positivar seu sentido de vida também esteja pouco desenvolvida, a pessoa pode voltar sua atenção apenas às demandas do outro e esquecer das suas. Por fim, com um nível aquém de gestão de relacionamentos, pode ser muito difícil perceber a demanda de outro e agir com assertividade pela falta de recursos para interagir de forma a proporcionar acolhimento e ter autopreservação de forma equitativa.

Salientamos que desenvolver todas as competências da inteligência emocional é fundamental para que haja diminuição da chance de se instituir barreiras internas e externas na vida de mulheres com AH/SD. O estigma de ser uma mulher altamente sensível e multiplamente inteligente é real. Meninas com AH/SD, segundo Silverman e Miller (2009) tendem a ser menos aceitas por outras meninas que meninos superdotados por outros meninos. As meninas superdotadas tendem a ser vistas como temperamentais, mal-humoradas, presunçosas, egocêntricas e tirânicas enquanto os meninos são vistos como divertidos e criativos. As meninas tendem a ser vistas como '*estranhas*' e a serem excluídas socialmente por isso. Também tendem a ser vistas como '*esforçadas*' enquanto os meninos como '*talentosos*'. A realização da menina é porque ela se esforçou muito para conseguir ou teve sorte, em vez de capacidade. O mesmo, depois, para a mulher no meio laboral. A exclusão contribui para as mulheres desenvolverem autoestima baixa, autoconceito negativo, elevado nível de autocobrança, insegurança e conformidade com o estereótipo de gênero em busca de aceitação, isto é, uma porta para as barreiras.

Por fim, atualmente, estudos neurocientíficos aportam dados que nos permitem afirmar que, independentemente das condições de inteligência emocional com as quais cada mulher com AH/SD se encontre hoje e mesmo de ser ou não alguém com altas habilidades ou superdotação, existe a

possibilidade de desenvolver e aumentar as capacidades. Há pouco tempo, acreditava-se que nascíamos com uma quantidade de células cerebrais e depois as perdíamos com o envelhecimento até morrer. No momento, as novas descobertas desmistificam esta ideia. O entendimento atual é chamado de neurogênese. Quer dizer que, diariamente, o cérebro gera aproximadamente dez mil células-tronco que, por sua vez, dividem-se em duas. Uma continua a fabricar novas células-tronco, a outra se destina ao local do cérebro em que se faz necessária e transforma-se no tipo de célula que for necessário para ampliar o número de conexões neurais dessa região. Geralmente, isso ocorre quando estamos a aprender algo. Estima-se que após quatro meses, essa única célula forme cerca de dez mil conexões com outras para formar um novo circuito neural (Goleman, 2012). As descobertas sobre a neurogênese fortalecem nosso entendimento sobre neuroplasticidade, isto é, nosso cérebro está constantemente a se adaptar e evoluir de acordo com as nossas experiências. Aquilo que Dabrowski, em certa medida, já postulou em sua teoria do desenvolvimento humano no século XX. Isto é, indivíduos com AH/SD ou não podem avançar em seu desenvolvimento quando dadas as condições para isto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo foi possível observar uma direção para altos níveis de empatia em mulheres adultas com AH/SD, bem como que são independentes da idade cronológica. Como visto, a participante Victória apresenta nível mais alto que Clara e a diferença de idade entre elas é quase uma década. Vimos também que apesar da pontuação elevada em todas as participantes, as respostas ao questionário são diferentes, o que aponta para a diversidade do desenvolvimento qualitativo dessa competência no cotidiano.

Altos níveis de empatia é positivo no desenvolvimento humano, pois favorece as relações e a aprendizagem em amplo aspecto. Isto porque a empatia se refere a um modo de pensar, sentir e agir. O modo como cada um destes elementos afeta o outro faz com que a empatia traga diferentes consequências para a vida em cada momento. Um exemplo disto é quando uma pessoa se sensibiliza com o sofrimento de outra e mistura-se a ele em um processo de identificação. Neste caso, trata-se de supostamente sentir como se fosse o outro, sendo que a emoção ali presente é da própria pessoa sem que tenha a consciência disso; falta-lhe autoconsciência. A empatia implica nítida consciência da separação entre si e o outro e de recursos para gerenciar as próprias emoções.

Independente de se ter ou não AH/SD, toda pessoa tem potencial de desenvolver e crescer. As relações de inclusão são as pontes para que haja mudanças no bem-estar de todas as pessoas. Neste sentido, por fim, salientamos que este estudo foi um recorte de uma população de mulheres adultas brancas cisgênero e é fundamental que outras pesquisas sejam realizadas com outros públicos como mulheres negras e com outras identidades de gênero. É em defesa da diversidade e da multiplicidade de existências que este texto se posiciona. Por nenhuma vida a menos e nenhum talento a menos.

REFERÊNCIAS

Dąbrowski, K. (1973). *The dynamics of concepts*. London, England: Gryf.

Eisenberg, N. *et. al.* (2003). Does Rejection Hurt? An FMRI Study of Social Exclusion. *Science*, 302, 290. <https://science.sciencemag.org/content/302/5643/290>

Goleman, D. (2012a). *O cérebro e a inteligência emocional: novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Goleman, D. (2012b). *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Manes, F. (2015). *Usar o cérebro: aprenda a utilizar a máquina mais complexa do universo*. São Paulo: Planeta.

Neumann, P. & Vestena, C.L.B. (2016). A Relação Entre Idade e Inteligência Emocional em Adultos com Altas Habilidades/Superdotação. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*, 3(1), 77-94. <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas>

Silverman, L.K. (1997). The Construct of Asynchronous Development. *Peabody Journal of Education*, 72(3&4), 36-58. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0161956X.1997.9681865>

Silverman, L. K. (2013). *Giftedness 101*. New York: Spring Publishing Company.

Silverman, L. K.; miller, N.B. (2009). A Feminine Perspective of Giftedness. In: Shavinina, L. (Ed.) *International Handbook of Giftedness*. Québec: Springer, 99-128.

Patricia Neumann

Tem altas habilidades/superdotação em liderança e acadêmico-intelectual nas áreas linguística e lógico-matemática. Soube de sua condição aos 28 anos (hoje, tem 38). É bacharel em Psicologia e licenciada em Filosofia. Fez mestrado em Educação e é cientista nesta área. Fala sete línguas e é tradutora autodidata. No campo das AH/SD, trabalha com avaliação psicoeducacional, atendimento psicoterapêutico, consultoria a famílias e pessoas adultas, formação de profissionais, pesquisa e redes sociais. Como cientista, além da pesquisa, atua na supervisão de pesquisadoras (es), avaliação de produção científica e consultoria para estudantes e profissionais. Seus interesses estão em torno de tudo que se refere ao ser humano e seu crescimento pessoal e social em prol do potencial e dos talentos.

Poliana Vogel

Graduada em Fisioterapia e pós-graduada em Neurociências e Comportamento Humano. Possui formação em Microfisioterapia e Leitura Biológica. Atua como terapeuta integrativa há 10 anos, neste tempo mantém sua curiosidade e busca sobre como e porque adoecemos, física e mentalmente. Tem aprofundado seus estudos na área de inteligência emocional e neurociências. Apaixonada pela aquisição e transmissão do conhecimento, inicia neste ano um caminho como cientista. Identificada com altas habilidades/superdotação em liderança e acadêmico-intelectual linguística, recentemente, aos 33 anos. Dedicar sua vida ao seu autoconhecimento e autodesenvolvimento e, a partir de suas experiências pessoais e conhecimentos adquiridos, auxilia outros seres humanos a se conhecerem para melhor se desenvolverem.

Recebido em 18 de junho de 2021
Aceito em 18 de junho de 2021